



CHICO BUARQUE

voltei pelo chope e pelo fluminense

Sábado, 25 de abril. Desde cedo a gente sabia que o movimento, não só no Departamento Social mas em todo o Clube, ia ser maior do que o normal. Durante uma ou duas semanas a gente estava-se preparando para o espetáculo daquela noite. Parecia até que o Fluminense tinha-se vestido de nôvo, só para receber um dos seus mais importantes torcedores, um sujeito que tinha ficado famoso no Brasil, tinha viajado e feito enorme sucesso lá fora. Aqui e lá, nunca havia deixado de dizer para quem quisesse ou não ouvir, êsse cara bacana sempre disse que, sensacional, mesmo, era esta coisa chamada Fluminense. Tudo estava pronto, finalmente, para receber o Chico Buarque de Holanda.

Oito da noite e já tem gente entrando pelo portão da Álvaro Chaves dobrando logo à direita e seguindo pelas quadras de tênis, passando pelo lado das piscinas para chegar ao velho Ginásio. Ginásio sem musica, que só começou a ser tocada uma hora, hora e meia depois. O Conjunto Fórmula 7 animava a festa onde os mais jovens e os não tão jovens assim dançavam sem parar. Quem dançava, quem ficava na mesa, quem passeava ali por fora, todo mundo ficava falando, ficava comentando as músicas do Chico, a mulher e a filha do Chico, o disco nôvo do Chico, até a côr exata dos olhos do Chico.

O boato começou, e como todo boato que se preza, êste começou sem se saber onde, sem se saber por obra e graça de quem, e logo quase todo o mundo já sabia:

— Estão dizendo por aí que o Chico só vai chegar às 3 da matina.

— É sim, diz que ligaram para a Sucata e o dono de lá disse que só vai deixar o Chico vir para cá depois de terminar o espetáculo na Lagoa.

Algumas meninhas começaram a chorar, pois a hora de chegar em casa havia sido marcada para antes das duas e, se êle só fôsse cantar depois das três, como é que ia ser? Dizem que uma chegou a se desmanchar em lágrimas, ainda que desmanchar em lágrimas seja um lugar-comum tão antigo. Mas ela, com as maçãs do rosto tão lindo tôdas molhadas de lágrimas, dizia:

— Nunca vi o Chico cantar assim tão de perto, só na televisão. Tenho que chegar em casa às 2 e 15. Não tenho idade para entrar em boate, não vou ter tão cedo e para atrapalhar tudo o telefone lá em casa está quebrado e não vou poder avisar a mamãe dêste atraso...

Não foi preciso tanto chôro, pois o Chico foi ao Fluminense cantar antes do seu show na Sucata, claro. Houve um pequeno atraso, mas êle foi no palco, pediu um pouquinho de paciência e todo o mundo entendeu e bateu muitas palmas.

Quando o show começou, foi aquilo mesmo. As jovens mais apaixonadas pelos olhos verdes do Chico gritavam seu nome sem cessar e pediam suas músicas favoritas. Ainda que possam querer puxar minhas orelhas, não vou deixar de dizer: algumas senhoras ensaiaram seus gritinhos, mais baixinhos e discretos, mas gritaram baixinho, Chico, Chico e pediram também suas musiquinhas.

Junto com Chico, o MPB 4 deixava também cair. Houve delírio no Ginásio, não pensem que exagero. Houve delírio, sim. Houve ainda um pouco de Festival Internacional da Canção, quando o Chico foi enrolado na bandeira do Fluminense, da mesma forma que o cantor de Eve foi enrolado na bandeira inglesa, pelo Malcom Roberts, no Maracanãzinho.

Chico parecia ter-se emocionado com esta história da bandeira. No fim daquela noite, êle foi ao Antônio's e lá confessou ao Manolo, seu grande amigo:

— Manolo, na hora que me enrolaram na bandeira do Fluminense, eu senti aquela coisa na espinha que dá em dia de final de campeonato quando o Flávio enfia o da vitória.

Eu estava ali atrás da cortina, vendo o pessoal do MPB 4 se arrumando, vendo microfones, tudo. Puxei um papo com o Chico, assim como quem não queria nada.

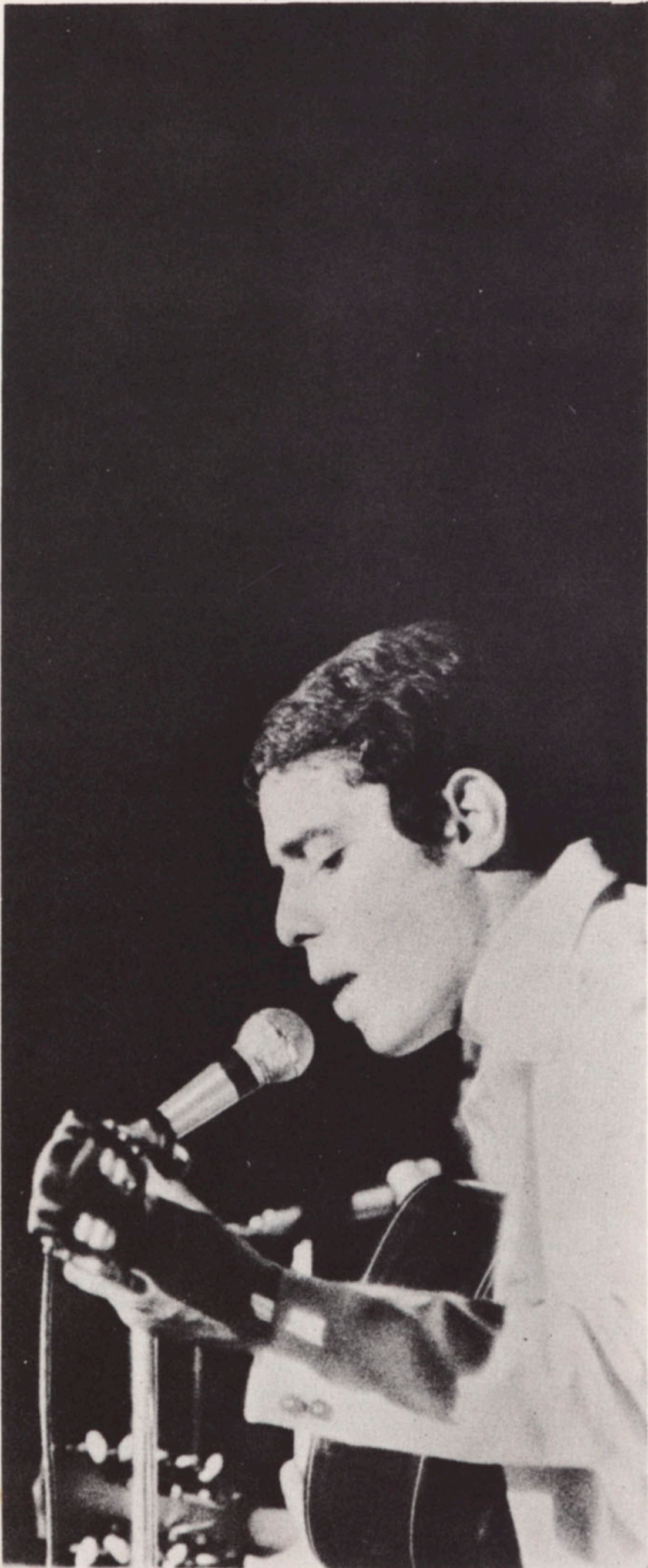
— Chico, aquela frase que você disse, "voltei pelo chopp e pelo Fluminense" foi promoção ou foi verdade, mesmo?

— Olha, Kleber, foi a mais pura verdade. Foi uma frase espontânea, dita porque lá fora, naquela Itália tão longe, eu não conseguia deixar de pensar no chopp do Rio e no meu querido Fluminense.

— Você tem inúmeras músicas com nome de mulher. Tôdas existem ou foram importantes na sua vida?

— Engraçado, é mesmo, tem muita música com nome de mulher. Mas nenhuma delas existe, realmente. Só mesmo a Carolina, que é o nome de um dos quadros do Di Cavalcanti. Aquela tela, Carolina, me inspirou tanto que não me restou outro remédio senão fazer com que a Carolina feita de óleo passasse também a existir como uma Carolina feita de notas musicais.

CHICO BUARQUE



— Chico, neste seu novo álbum da Philips, você destacaria alguma música em particular?

— Acho meio difícil. Foram todas feitas há algum tempo, músicas que fui fazendo na Europa, músicas que fui guardando para reuni-las num disco quando viesse de volta ao Brasil. Não vai dar para escolher uma ou outra e dizer esta ou aquela é melhor.

— Mais alguns meses e toda aquela febre de Festival vai tomar a cidade de assalto, no melhor estilo de uma gripe asiática, no bom sentido, claro. Depois daquela vitória com o **Sabiá**, você volta este ano?

— Não, Kleber, não tenho música para este ou outro qualquer Festival por um motivo muito simples: não quero mais saber de tomar parte em Festival.

— Qual foi seu maior sucesso na Itália?

— Acho que foi, não, foi o **Bom Tempo**. Esta música foi traduzida para o italiano e na tradução, aquele pedaço do “meu tricolor” ficou de fora, sobrou. Claro, não fiz isso de propósito, mas a palavra não encaixava na versão italiana e não dava para explicá-la aos italianos dentro da canção.

— Voltando para o Brasil, como ficou a sua popularidade e suas apresentações e músicas lá na Itália?

— Minha ida à Itália foi planejada pela RCA que me fará voltar para cumprir mais alguns contratos. Eles sabem bem como fazer para que os italianos não se esqueçam de mim.

— Se você tivesse que escolher novamente um clube de futebol para torcer, não valendo, claro, o Fluminense, qual seria sua escolha?

— Só de pensar em deixar de ser Fluminense, me faz assim um mal-estar. Mas se fosse obrigado a escolher minha preferência ficaria com meu time de botão, o Politeama F. C.

— Chico, se você fosse técnico do Fluminense, quais os jogadores que você tentaria contratar?

— Kleber, fiquei um tempão fora do Rio, fora do Brasil e ando por fora. Sabe, não conhecia nem o Marco Antônio nem o Cafuringa. Agora, dos jogos que vi, nesta Taça GB, posso dizer que, dos novos, gostei do Toninho e do Jair. O Jair então, este é craque, vai acabar na seleção.

Lá do outro lado da grossa cortina do palco ouço a apresentação do espetáculo. As palmas chegam claras e fortes aqui atrás. Chico sorri, apaga o cigarro no chão, olha para seus amigos do MPB 4 e diz para mim:

— Não dá mais para continuar o papo. Depois a gente continua.

E lá se foi ele cantar para a gente do seu tão querido Fluminense. **KLEBER MUNIZ**

